



XIX ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR
Blumenau - SC - Brasil

AQUELES GRAMADOS ACOLHEDORES. MEMÓRIAS FUTEBOLÍSTICAS DE UM PROCESSO
DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE SOCIAL

Luis Carlos Ribeiro Stephanou (Universidade de Santa Cruz do Sul - UNIS) - riglosaragon@gmail.com
Sociólogo, estudante de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UNISC

Rogério Leandro Lima da Silveira (Universidade de Santa Cruz do Sul - UNIS) - rlls@unisc.br
Geógrafo, Doutor em Geografia Humana pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UNISC

Aqueles gramados acolhedores

Memórias futebolísticas de um processo de construção de identidade social

INTRODUÇÃO

Recentemente o jogador de futebol Raphael Dias Belloli, do Leeds United - Inglaterra, mais conhecido como Raphinha, encantou milhões de torcedores com suas jogadas e gols pela seleção brasileira. E deixou orgulhosos os habitantes de um bairro do sul da cidade de Porto Alegre, a Restinga. Para a comunidade de futebolistas daquela localidade o sucesso de Raphinha não chegou a ser uma surpresa e nem foi um fato isolado, apesar de todo o destaque e repercussão que obteve.

Na Restinga o futebol foi um fator de mobilização, articulação social e construção de identidade no bairro desde o início dos anos 1980, inclusive vindo a lograr a profissionalização de diversos jovens nesta difícil carreira esportiva. Assim, Raphinha faz parte de uma longa história na qual o futebol ajuda a explicar a construção de territorialidades num bairro popular de Porto Alegre.

Como se verá adiante, a importância do futebol no bairro vai mais além e até mesmo é anterior à própria existência da Restinga, tornando-se um importante elo de construção de identidade local através de um processo de articulação social fortemente ancorado na memória de como se desenvolveu este esporte entre as populações segregadas da cidade.

O texto que segue é um fragmento modificado de um trabalho que buscou entender o processo de construção de identidades a partir de experiências de sociabilidade que ativaram a construção de memórias neste bairro de Porto Alegre. Aqui se encontra dividido em três partes: numa primeira, há uma rápida caracterização do bairro. Na segunda parte, faz-se uma síntese dos aspectos teóricos mais relevantes em torno do conceito de memória e, por fim, se analisa como na história de Porto Alegre e em particular da Restinga, o futebol foi importante na afirmação identitária de sua população, em especial a partir da ênfase na questão racial.

O BAIRRO RESTINGA

A Restinga é um bairro situado na região sul de Porto Alegre, distante 27 quilômetros do centro da cidade. Tem características de bairro-cidade, pois a topografia da região lhe permite estar incrustado num amplo vale cercado de morros e poucas conexões físicas com o restante da malha urbana. A Estrada João Antônio da Silveira corta o bairro ao meio, sendo praticamente a única via de interligação relevante com as vias que o unem a outros bairros da cidade.

A superfície total da Restinga é de aproximadamente 38 km², mas somente cerca de 1/5 desta área está ocupada com moradias e equipamentos urbanos. O restante do território ainda é composto pela vegetação típica dos morros de Porto Alegre e algumas extensões de áreas arenosas com pequenos banhados que lhe dão o nome de Restinga.

No último censo demográfico, em 2010, viviam na Restinga 60.729 pessoas distribuídas em 18.070 domicílios. Porém, além do crescimento vegetativo, na última década surgiram na região uma série de loteamentos e também condomínios do Programa Minha Casa Minha Vida, fazendo com que se estime que atualmente em torno de 70 a 75 mil pessoas façam parte do bairro. O contingente populacional também acentua esta característica de cidade-bairro, sendo o terceiro (talvez segundo, quando for feita uma atualização censitária) mais populoso da capital gaúcha.

Embora o bairro já tenha experimentado inúmeras mudanças desde a chegada de seus primeiros moradores, em 1967, ainda é uma localidade pobre, com indicadores de qualidade de vida inferiores aos da população de Porto Alegre como um todo e significativamente diferenciados quando se efetua a comparação com as regiões ou bairros de população com melhor renda na cidade. Alguns dados, oriundos do censo de 2010 e retirados do Observatório de Porto Alegre (ObservaPOA), demonstram estas diferenças. A expectativa de vida do cidadão portoalegrense é de 76,5 anos e na Região Centro chega a 80,7 anos. Já na Restinga, não supera os 73, anos. São 7 anos a menos do que na região com melhor indicador. Dentro da mesma cidade! Isso reflete um perfil de violência urbana que mata especificamente homens jovens negros, o que está de acordo com o perfil da população da Restinga. Os estudos que se debruçam sobre desigualdades e questão racial no Brasil destacam a diferença de possibilidades entre populações brancas e negras. Não é diferente ao se fazer o corte racial em Porto Alegre. Um total de 20% da população da cidade se declara negra, mas na Restinga este número é quase o dobro, chegando a 38,5%. Em compensação, no Bairro Moinhos de Vento, tradicionalmente associado à moradia de elites, somente 2,5% da população se declara como negra. A escolaridade dos responsáveis pelo domicílio também aponta para fortes discrepâncias. Em Porto Alegre são 9 anos de escolaridade, no Bairro Bela Vista (melhor resultado), chega a 14 anos e na Restinga é de apenas 6 anos. Assim, não causa nenhuma surpresa que o rendimento médio dos responsáveis pelo domicílio na Restinga seja de somente 2,1 salários mínimos, ao passo que no bairro de melhor desempenho, a Pedra Redonda, este indicador chegue a 18,2 salários mínimos. É um indicador de desigualdade incontestável, mesmo quando comparado com o indicador geral da cidade, de 5,3 salários mínimos.

A história da Restinga é um complexo processo de segregação socioespacial. Na primeira fase de implementação do bairro, entre 1967-1971, populações de outras regiões de Porto Alegre foram compulsoriamente transferidas para esta localidade distante do centro e de quaisquer recursos, sendo ali abandonadas. As condições de vida nestes primeiros anos eram terríveis, pois não havia nenhum equipamento ou serviço que habitualmente são necessidade básica de vida (ARAUJO, 2018). Este primeiro núcleo de povoamento foi chamado de Restinga Velha. Seus habitantes, antes imersos na pobreza de regiões centrais da cidade, passam a viver na miséria em distante arrabalde que na época sequer era urbano. Em decorrência, sofrem amplo processo de estigmatização.

A partir de meados da década de 1970 começam a ir viver na Restinga grandes contingentes de famílias associadas a núcleos de trabalhadores do serviço público e outras categorias que na época tinham certa estabilidade e uma condição de vida melhor do que a dos primeiros moradores. Surge a Restinga

Nova, separada da Restinga Velha por uma avenida e décadas de condições diferenciadas de relação com a cidade. Assim, os estigmas se ampliam, abrangendo não somente as relações de exclusão dos moradores da Restinga em relação à cidade, mas também as conexões que vão socialmente sendo construídas dentro do próprio bairro.

O bairro passa por muitas outras transformações sociais, políticas e de fluxos de novos moradores. Em todos contextos, grupos organizados e instituições ali presentes, interagindo com o mundo, vão tratando de dar conteúdo à heterogênea, mutante e complexa identidade da Restinga. O sentido geral destes conteúdos busca superar os estigmas através da narrativa de estimas. A memória em torno do bairro é um importante elemento neste processo e o futebol foi um dos núcleos mais dinâmicos no qual os processos de memória foram afirmando identidades.

SOBRE MEMÓRIAS

E se a memória de uma localidade desaparecesse num instante? Ou, mesmo que não fosse de forma abrupta, o esquecimento aos poucos pousasse como uma espessa nuvem sobre os seus habitantes? Cada dia estes se esforçariam para conservar fragmentos de recordações – não de distantes vivências que tiveram (ou imaginavam ter tido) em outros momentos de sua vida, mas da semana anterior, do dia anterior, do que tinham comido no almoço. A vida em sociedade, sem o cimento da memória, seria impossível. Não haveria educação, uma pessoa ferida ou doente não teria auxílio adequado e seria inviável a vida coletiva produtiva no trabalho, pois quem ainda se lembraria de como fazer algo? Até mesmo organizar rotinas seria quase impossível, visto que nenhuma autoridade teria legitimidade para decidir algo – nenhuma teria o reconhecimento de sua autoridade chancelado pela memória da submissão, da aceitação ou do apoio. Este é o cenário que Kazuo Ishiguro (2015) sugere ao descrever as tentativas cotidianas de sobrevivência de seus personagens, um casal de aldeões idosos de uma aldeia perdida em algum lugar distante no interior da Inglaterra. É uma alegoria da Doença de Alzheimer, talvez estendida a uma perspectiva mais coletiva, na qual as perdas decorrentes da quebra de interações sociais aparecem com mais ênfase do que o sofrimento advindo da decrepitude pessoal.

Não há como se desenvolver vida humana sem memória; é impossível organizar a vida em sociedade sem o conhecimento do pretérito. A própria relação entre passado, presente e futuro, essencial na estruturação da vida de qualquer pessoa ou grupo social, não existe sem o poder da memória.

Os antigos gregos já o sabiam. Em sua visão de mundo mitológica Mnemósine (*Mnēmosýnē*) é a Deusa da Memória (HACQUARD, 1996). Com Zeus, ela tem nove filhas, as musas. Todas dedicadas à proteção de alguma atividade artística (canto, declamação, poesia, hinos, música, dança) ou ao conhecimento científico (astronomia e história). Destaque para a musa protetora da história, Clio. Será coincidência ou acaso que Mnemósine é uma deusa, que só tem filhas mulheres? Será a memória melhor construída a partir de uma representação de gênero feminina? É feminina a aptidão de recordar?

Mnemósine é a Deusa que preserva os humanos do esquecimento. No imaginário do mundo grego antigo o esquecimento era representado pelo rio Lete, que as almas dos mortos deveriam atravessar após o falecimento de seus corpos. Desta associação se origina a palavra letalidade. Assim, ao esquecimento – a parada da memória, quando Mnemósine já não tem poder sobre a vida de um corpo -, equivale morrer. Perder a memória, viver uma situação de letalidade, é igual a morte (Tanatos).

Já a memória (Mnemósine) através de uma virtuosa cadeia de conceitos, leva à vida. Para o pensamento grego antigo o conhecimento é a associação entre memória e opinião. Somente através do conhecimento, para o qual se necessita de memória, é que se obtém o discernimento do mundo e da psiquê humana. Para os gregos o ser humano só é livre e portador de vitalidade na condição de discernimento. Então, memória está associada com vida, com prazer. A memória é erótica; o esquecimento, tanático.

Contudo, não se deve conceber a relação entre memória e esquecimento ao que parece mais explícito, uma relação binária entre vida e morte. O pensamento grego, em sua essência, é dialético. Há relação entre memória e esquecimento; memória também é esquecimento, assim como a morte faz parte da vida. Em resumo, a capacidade de reprodução da vida é um fenômeno que necessita de memória.

Contudo, se a hipotética (e na prática impossível) ausência de memória retira do mundo a vitalidade, pensar o contrário também se apresenta constituído de sentido. O excesso de memória não necessariamente produz vida. Jorge Luis Borges (2010), em seu conhecido conto “Funes, el memorioso”, apresenta um personagem capaz de lembrar tudo. Tudo de tudo. Funes tem a capacidade de reter em sua memória não somente todos os acontecimentos que vive, de forma genérica, mas também lembra os mínimos detalhes sensoriais de algo com o qual se deparou ou que lhe transmitiram. Funes é capaz de relembrar a textura e cor exata de cada folha, de cada árvore, num bosque. Em certa ocasião resolve reproduzir o que havia lhe acontecido, no dia anterior, nos mínimos detalhes. Não somente os fatos, mas os pensamentos e sensações que havia vivido. Borges lhe captura numa armadilha, pois para narrar o que havia vivido com total exatidão necessita do mesmo tempo, um dia inteiro, com o qual deixará de viver o presente. Este assombroso conhecimento, único entre os seres vivos, não lhe traz glórias, poder ou a capacidade de seduzir pela erudição. Funes é um solitário, condenado a uma existência cheia de provações – adquire a capacidade de memória total após uma convulsão que lhe deixa preso em sua cama. Seu corpo não tem atividades que ultrapassem às fisiológicas. Sua hipermnésia levada ao grau máximo não lhe trará experiências eróticas, mas o sentencia precocemente ao tãatos, pois acaba falecendo com 21 anos.

A admiração inicial que habilmente o escritor argentino nos faz ter pelo personagem logo cede ao compadecimento. Funes, ao lembrar de tudo, desenvolve uma espécie de “Alzheimer invertido”, pois os efeitos do excesso de memória sobre seu corpo o levam ao mesmo caminho de degradação e morte. De certa forma, esquecer tudo e lembrar tudo acabam tendo o mesmo significado.

A memória lhe é um infortúnio e Borges, que tinha um conhecimento enciclopédico, ironicamente aproveita o conto para estabelecer sua crítica ao enciclopedismo: “Suspeito, entretanto, que não era muito capaz de pensar. Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair. No abarrotado mundo de Funes não havia senão pormenores, quase imediatos” (BORGES, 2010, p.590).

A neurociência, nas últimas décadas, vem avançando na pesquisa sobre o cérebro, sendo que as questões relacionadas à memória tiveram bastante importância nas recentes descobertas. O que já se sabia de forma intuitiva, que os sentimentos, as emoções e o ânimo de uma pessoa influencia em suas memórias, veio a ser cientificamente comprovado. Há tipos diferentes de hormônios que são secretados quando se está numa determinada situação psíquica; alguém sob estresse, por exemplo, tenderá a produzir memórias deste tipo no momento em que estiver neste estado. O mesmo serve para felicidade, raiva, tristeza e outras emoções (IZQUIERDO, 2002). Estas constatações conferem importantes implicações sobre os processos de memória social. Que tipo de narrativas os moradores da Restinga irão cristalizar para contar sua história de segregação? Quais são os feitos a serem lembrados e acentuados? E sobre o que pousa os silêncios? São questões que vão sendo construídas socialmente, mas marcadas pelas experiências dos indivíduos.

Iván Izquierdo também aborda, do ponto de vista do estudo do cérebro, a importância do esquecimento. A extinção de memórias pode ocorrer por falta de uso (algo que não faz parte do cotidiano) ou por repressão (fatos traumáticos), mas também por saturação de informações. A maioria dos seres humanos está exposta a um enorme volume de informações no dia a dia e recorda uma quantidade ínfima do que viveu e apreendeu. Paradoxalmente, perder memória é absolutamente essencial para se ter memória (IZQUIERDO, 2004).

Porém, o que interessa ressaltar neste texto é uma perspectiva mais social e relacionada com o território. Trata-se de enxergar o processo de construção de memória social, sobretudo a partir da vida contemporânea no mundo urbano.

Há um campo de análise que relaciona memória com patrimônio - patrimônio histórico ou patrimônio arquitetônico. A memória do patrimônio envolve conceitos que são mais abrangentes do que os estudos sobre velhos prédios em zonas centrais de grandes cidades. Segundo Huyssen, por exemplo, o monumentalismo pode transformar-se numa espécie de “redenção pela memória” (HUYSSSEN, 2000, p.43). Ou seja: passamos a conceber as cidades e sua memória a partir dos aspectos físicos construídos. Para isso, não há necessidade de estar coberto pela pátina do tempo ou ser muito grandioso e espetacular.

Assim, a memória arquitetônica também está presente na Restinga. Cada grupo memoriza as estruturas arquitetônicas que lhe dão sentido de vida. Em entrevista, um ativista cultural do bairro lembrava vividamente dos muitos detalhes de uma pintura mural que ele havia ajudado a fazer em sua escola, quando era adolescente, inclusive o fato de se representar nesta pintura. Sua relação afetiva com aquela escola específica e a vontade de apreender estava diretamente relacionada com esta experiência. Foi um choque voltar à escola, uns 20 anos depois, e ver que o mural havia sido removido. O principal campo de futebol do

bairro, importante local de construção de memória e área valorizada, já foi palco de diversas disputas por sua ocupação e controle, sendo cobiçado por outros grupos sociais da região. Contudo, alguns times de futebol do bairro têm conseguido assegurar sua existência, em parte pelas narrativas de memória associadas a este processo.

Maurice Halbwachs (2003) é um dos pioneiros no estudo da memória a partir de contextos sociais. Sua obra, pequena e em parte póstuma, foi escrita entre meados da década de 1920 e início dos anos 1930 e tem como ideia central a noção de que a memória é um processo coletivo, que se constrói a partir de realidades sociais. Evidentemente, Halbwachs, reconhece a existência de uma memória individual, mas como herdeiro das ideias de Durkheim, na sua concepção a memória individual também é um fato social.

De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva... que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. Quando tentamos explicar essa diversidade, sempre voltamos a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social (HALBWACHS, 2003, p.69).

A memória é um fato social. É o que Halbwachs (2003) denomina de quadros sociais da memória, ou seja, representações coletivas de acontecimentos. O território também é uma construção social. Para Halbwachs a memória coletiva sempre se desenvolve num determinado território e de forma relacional, na trama de relações que um lugar mantém com outros ambientes. De certa forma, esta relação entre memória e lugar se aproxima bastante da noção de territorialidade, na qual grupos sociais vão construir sociabilidades, conflitos, apropriações, narrativas e outras possibilidades de interação em torno de um território. As lembranças somente têm capacidade de se tornarem algo mais consistente, portador de narrativas, na medida em que se materializarem no território. E será esta materialidade da memória uma das condições necessárias para a produção de identidades.

Este autor dedica especial atenção à história. Faz uma distinção entre história vivida e o que denomina de história escrita. Nossas memórias, são sistematizadas sobre aquilo que vivemos – o império dos fatos -, mas o que vivemos somente na aparência é individual, pois suas memórias remetem a fatos mais amplos e contextos de eventos sociais que ocorreram para que nos lembrássemos. E estes eventos estão submetidos ao registro, à história escrita. Assim, a história vivida é filtrada e se torna memória. Halbwachs, como exemplo do conceito de memória coletiva, escreve um ensaio sobre a memória dos músicos. Segundo ele, a lembrança que os músicos têm das partituras somente é possível por que são fixadas através de uma padronização. Os sons são codificados e, com isso, possibilitam a memorização. Associando à concepção de divisão social como fator positivo de construção de sociedade, neste mesmo exemplo desenvolve a ideia de que a divisão de instrumentos e músicos, numa orquestra, é que permite que se efetive a construção de uma memória musical coletiva das partituras, já que nenhum músico teria possibilidade de executar, ao mesmo tempo, toda a sonoridade da obra.

As viagens de ônibus da Restinga ao centro são um bom exemplo de memória coletiva. Nas entrevistas há nítidas recordações sobre o sacrifício

destas viagens: superlotação, convívio com animais e até mesmo da cor dos ônibus, mas estas lembranças individualizadas provém de fatos sociais, coletivos, dos quais o mais significativo é o próprio surgimento da Restinga no tempo e espaço em que se construiu. E, muitos dos acontecimentos nos ônibus, foram sendo contados entre os protagonistas, o que faz com que não necessariamente todos enunciados sobre os fatos tenham sido diretamente vividos por quem os produz.

O historiador francês Pierre Nora (1993) aborda a questão da memória sob vários aspectos, sendo um dos mais interessantes a reflexão sobre o lugar da memória. Para Nora história e memória são duas questões diferentes. A memória diz respeito às vivências que os indivíduos ou grupos desenvolvem; está sujeita a contradições, subjetividades, esquecimentos e recordações, processadas de forma ambígua e submetidas à vontade do sujeito, individual ou grupal. A memória sempre é seletiva; há o que se quer lembrar, inclusive guardar, e o que se quer esquecer. Já a história é o registro, o processamento organizado de memórias, uma operação intelectual. “A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido sempre no presente; a história, uma representação do passado” (NORA, 1993, p.09). Memória é vida; história é registro.

É impossível registrar a memória do vivido, pois há que seguir vivendo. Neste ponto a reflexão de Nora se aproxima a de Borges, pois Funes é o único ser humano capaz de recordar com exatidão cada segundo vivido em um dia completo. Contudo, não viverá nada durante o tempo da narrativa. O que lhe forçará a um paradoxo: para produzir memória, há que viver; mas somente se “não viver”, poderia produzir uma memória total, que não fosse uma representação. Portanto, história é seleção.

Os lugares da memória surgem justamente na operação que a história realiza para resgatar fragmentos da memória. A imagem que Nora faz da perda de memória, ou da desconstrução da memória, é a de uma concha que está fora do mar. Assim, “se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares por que não haveria memória transportada pela história” (NORA, 1993, p.08).

Os lugares da memória são

(...) sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade (NORA, 1993, p.12).

Para Nora há três possibilidades de lugares da memória: os lugares materiais, tais como museus, arquivos, bibliotecas, que articulam a memória arquivo; os lugares funcionais, responsáveis pela transmissão da memória, tais como livros e todas formas de socialização através da educação e os lugares simbólicos, de representação da memória, que podem ser cerimônias, homenagens, discursos fúnebres etc. Os lugares da memória se comunicam, e o que é considerado material normalmente também tem valor simbólico e frequentemente é associado à transmissão. Assim, os lugares da memória são dinâmicos quanto às suas possibilidades de emprego.

A ideia de lugares de memória desenvolvida por Nora deu margem a outras leituras. Todorov (2000) vai associar a arte e a cultura como lugares de memória por excelência. Este autor centra sua análise na leitura política sobre a memória, demonstrando como no século XX regimes totalitários suprimiram a memória em escala industrial. Assim, para Todorov, a reconstituição do passado já tem potencial para ser oposição ao poder.

Contudo, memória é mais do que conservação ou recuperação. Na realidade, memória é seleção. Neste aspecto, memória não se opõe ao esquecimento; seleção implica em lembrar e esquecer. Assim como há o direito à memória, há o direito ao esquecimento. Todorov aponta para a crueldade que seria ser obrigado a lembrar continuamente de uma experiência de sofrimento, na qual os que foram humilhados ou sofreram toda sorte de violências seriam expostos a uma dinâmica contínua de recordação destas violências o que, de certa forma, os forçaria a vivenciá-las novamente, ao menos no plano das narrativas.

Outro teórico importante neste campo foi o sociólogo e historiador austríaco Michael Pollack. Este autor sustenta que há três diferentes espécies de memória. Os acontecimentos vividos pelo indivíduo, os acontecimentos ocorridos com um grupo no qual este indivíduo está inserido e os lugares. Estes três âmbitos se entrelaçam. Os acontecimentos vividos pelo grupo podem ter ou não a participação do indivíduo, mas a narrativa vai se solidificando ao ponto em que este se considera um participante – tendo sido ou não.

Pollack também menciona os silenciamentos, os esquecimentos e os não-ditos. Considerando que quaisquer memórias são construídas, também faz parte deste arranjo o que fica oculto. Nem todos ocultamentos são iguais: não é o mesmo ser silenciado ou esquecer ou, ainda, não dizer. São perspectivas diferentes que, no entendimento deste autor, ressaltam o campo de construção de memórias como um campo de disputas. A memória articula pertencimentos e, com estes, por sua vez, vêm as fronteiras. Na medida em que articulam identidade, ajudam a definir quem está em qual lugar, quem constrói quais territorialidades. A noção de fronteira, tão presente na construção de territórios – juridicamente constituídos ou imaginários – ajuda a delimitar quem articula memórias em torno de determinadas materialidades que se transformam em narrativas.

Em seu trabalho Ruiz Rodríguez (2004) também distingue três tipos de memória: a memória sensorial, que é imediata; a memória de curto prazo e, a memória que aqui interessa, a de longo prazo. Esta memória de longo prazo é a que tem capacidade de produzir conhecimento sobre o mundo. Ruiz Rodríguez menciona a importância do conceito de reaparição na formulação desta memória de longo prazo. A reaparição é a recuperação de algum conteúdo depositado em nossa consciência. Não se trata de uma recuperação fiel ao acontecido; a memória recupera o significado de uma experiência como representação. Portanto, a reaparição de memória está inscrita numa perspectiva simbólica, na qual as representações são reinterpretadas por quem as constrói e, também, por quem as recebe. “A reaparição é ao mesmo tempo objetivo último da memória e um requisito para sua verificação” (RUIZ RODRÍGUEZ, 2004, p.05). Quando ocorre o processo de reaparição, cada grupo ou ator político recuperará a memória destes acontecimentos a partir de variáveis distintas. A distintividade é uma das principais qualidades da reaparição, pois torna a memória múltipla e

polissêmica, sujeita a contradições e disputas, mas também em condições de formular marcadores comuns de determinada experiência social. Na Restinga ocorreram (e ocorrem) diversos processos de reaparição. Como se verá adiante, a organização de uma liga de futebol no bairro está muito associada à experiência da Liga da Canela Preta e se insere de forma coerente neste conceito de reaparição.

Eclea Bosi (1987), cujo trabalho está centrado em entrevistas não-diretivas com idosos que compuseram em parte a elite política de São Paulo, percebe a existência de duas memórias: a memória hábito, que é baseada nos reflexos e mecanismos (muitas vezes motores) de repetição de rotinas e, por outro lado, a memória lembrança. Esta é responsável pela geração de representações de vivências do passado. Na memória lembrança, como nos demais autores que trabalham com este conceito, estão embutidos os esquecimentos, as falhas e omissões.

O trabalho de Bosi também traz outra contribuição importante: a possibilidade de se pensar o estudo da memória em termos metodológicos. Há muitos trechos no qual a autora discorre sobre como tratar os silêncios, o significado de expressões recorrentes como “no meu tempo” e outros pormenores do trabalho de campo que vão aparecendo ao se entrevistar pessoas idosas.

Cabe também mencionar a importância da oralidade, que Bosi (1987) já na época de seu trabalho, via em franca decadência. Segundo a autora, a oralidade é uma forma de transmissão de memória muito apropriada. Os velhos, na condição de sábios pelo acúmulo de vivências, trazem familiaridade à narrativa que descreve objetos, costumes, modos de viver e acontecimentos do passado. Assim, os idosos, através da transmissão oral, são (ou eram e ainda são em outros tipos de sociedade) importantes organizadores da memória.

Le Goff (1990), por sua vez, realiza uma sistematização sobre como se desenvolveu a memória a partir de grandes períodos históricos. Para este autor, no século XX há uma aceleração na produção de memórias e na capacidade de retê-las em arquivos, museus e bibliotecas. Le Goff também assinala que é deste período a organização dos processos de construção da memória através de eventos, nos quais se comemora o glorioso passado através da construção de narrativas em torno de datas, simbolicamente estruturadoras de identidade num país ou determinado território.

Normalmente essa construção memorial se organiza em torno de grandes temas, como Independência, Proclamação da República e outros. Contudo, mesmo na Restinga, sem ser uma república independente ou se ter um grande momento histórico próprio para tornar evento e cimentar identidade, há uma data de aniversário. A Semana da Restinga, que ocorre desde 1977, é comemorada em torno do 20 de novembro, data simbólica de Zumbi dos Palmares e Dia da Consciência Negra. Há uma evidente construção de identidade tomando “emprestada” a memória construída da forma de luta e também de organização de território de uma experiência histórica concreta diferente, mas não dissociada. Assim, a data comemorativa do aniversário do bairro opera um interessante processo de ressignificação que aumenta a capacidade de construir identidade a partir de uma narrativa de etnicidade.

Em Le Goff a memória é fundamental para a construção de identidade. Ser expulso da área central da cidade, de forma autoritária em plena ditadura, foi um trauma coletivo para os primeiros habitantes da Restinga. Assim como foi uma opção tática de aquisição da casa própria para muitos de seus moradores que vieram em outras fases. Portanto, a perda de identidades anteriores, para uns e outros, necessitou ser rearticulada a partir do acesso de novas memórias (e esquecimentos) de parcelas do passado, à luz do presente, nas novas territorialidades. Vivências culturais com forte sentido de identidade e práticas já enraizadas nesta população, como o carnaval e o futebol, foram muito importantes nesta reconstrução.

Le Goff assinala que a construção de memórias é um processo envolto em disputas. A memória – o que deve ser preservado e o que deve ser esquecido – é política, inserida nas disputas de poder. E, como tal, tende a ser apropriada pelas classes, grupos ou elites dominantes. Mas, na sua concepção, há espaço para grupos subalternos e historiadores construírem outras memórias e identidades. “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 1990, p. 477).

Assim, memória coletiva, quadros sociais da memória, lugar da memória, memória como processo de seleção, memória e esquecimento, memória e eventos, memória e construção de identidade, memória como reaparição do vivido e memória dos idosos são elementos que estão presentes na construção de identidades na Restinga. E, sem esta perspectiva, que articula as mobilizações sociais a processos simbólicos, é impossível entender a transformação de estigma em estima em parte daquela população, bem como muitas de suas iniciativas políticas, sociais, culturais e até mesmo econômicas

Na Restinga o esforço de produção de memória e articulação de identidades é impressionante. Está presente nas instituições, em paredes do bairro, na narrativa sobre prédios, na lembrança de letras de samba... e no universo dos times de futebol do bairro.

O FUTEBOL NA RESTINGA

Desde o momento em que o futebol moderno foi criado, na Inglaterra em meados do século XIX, rapidamente se tornou o esporte mais popular do mundo. Suas regras pouco complexas e a facilidade de poder ser jogado sem muitos recursos o torna apreciado e praticado por amplos setores de trabalhadores urbanos.

No Brasil não foi diferente e, desde que os ingleses trouxeram as primeiras bolas, se afirmou como numa manifestação que vai muito além dos seus aspectos lúdicos e esportivos, vindo a rapidamente se transformar numa manifestação cultural com amplas implicações sociais, políticas e econômicas.

Nesta parte do trabalho serão analisados os primórdios do futebol em Porto Alegre e sua associação indireta, de construção social nos territórios negros, com a Restinga. Este passado ajuda a explicar sua importância e a forma como se constituiu em importante construtor de laços sociais e identidade no bairro.

Com efeito, o futebol como fenômeno cultural e social é influenciado e influencia diversos aspectos que estão no cerne das relações sociais, políticas e econômicas que vão se forjando no Brasil desde meados do século XX. Hilário Franco Jr. em seus ensaios enxerga no futebol muito mais do que um jogo; o nobre esporte bretão é local de convergência de amplas relações políticas e sociais, tendo peso em aspectos conjunturais e também fatores estruturais do país, tais como questões relacionadas à violência urbana, racismo, sexismo e outros elementos da atualidade (FRANCO JR., 2017)

Sem a possibilidade de aprofundar a ampla temática com a qual o futebol se relaciona, nos parece válido rapidamente mencionar seus principais aspectos. Uma primeira dimensão é que o futebol, desde a Era Vargas, pode ser visto como um fenômeno social que vai gradativamente sendo apropriado pelo Estado, que lhe imprime algumas configurações e estabelece diretrizes de gestão, financiamento, relações com a cartolagem, mecanismos de dependência e uma progressiva associação com a mídia, que colabora para o transformar em fenômeno de massa (RIBEIRO e SOUZA, 2021).

A relação entre futebol e mídia, já desvendada por alguns dos principais estudiosos sobre a temática do futebol no país, é fundamental para entender como um jogo que desde seus primórdios caiu no gosto popular vai também se transformando num complexo exercício de poder político e econômico (HELAL, SOARES e LOVISOLO, 2001).

Em termos culturais há um debate de décadas sobre o futebol como expressão de brasilidade (FRANCO JR., 2017). Seus formuladores associam um presumível estilo nacional de jogo, com características de criatividade e beleza plástica, a uma forma de se entender o Brasil. O jogo e até mesmo o anti-jogo (TOLEDO, 2021) se tornam alegorias e seus significados ultrapassam o universo dos embates futebolísticos.

Estas alegorias da prática futebolística alegre e encantadora não resistem a outros fenômenos sociais que o futebol também impulsiona. Também entram em campo (e nas arquibancadas) as questões de gênero, no qual conceitos como resistência e resiliência são importantes para explicar a presença das mulheres neste universo tão propenso a desenvolver práticas machistas (GOELLNER, 2021) e as questões de sexualidade, pois as manifestações de homofobia são muito comuns em estádios, a ponto de serem banalizadas e consideradas mais como algo folclórico e satírico do que uma manifestação de ódio e preconceito (MENDONÇA e MENDONÇA, 2021).

Na mesma perspectiva, embora atualmente com um tratamento de respostas mais consistente por parte de amplos setores vinculados ao mundo do futebol, estão as questões relacionadas ao racismo no futebol. Historicamente o acesso a quase todos os esportes (talvez o boxe seja a exceção que confirma a regra) sempre foi dificultado à população negra. O futebol não fugiu a esta regra e, tendo sido introduzido no país por europeus, nos seus primórdios era inacessível à população negra. Contudo, esta situação não foi muito duradoura.

Em Porto Alegre, já nas primeiras décadas do século XX se inicia um amplo movimento de criação de clubes de futebol. São dezenas de times e muitos eram compostos por jogadores negros.

José Antônio dos Santos (2018) resgata a história dos clubes de futebol da população negra de Porto Alegre, presentes já na primeira fase do esporte na cidade. O “*Foot ball*” foi apresentado aos porto-alegrenses em 1903, quando ocorreu a lendária visita do Sport Club Rio Grande, de Rio Grande, time mais antigo do país, para um jogo demonstrativo. Na falta de adversários, os dois times eram compostos por riograndinos do mesmo clube. O evento, e várias festividades a ele relacionadas, foi organizado por diversas associações esportivas (de remo, ciclismo e ginástica) vinculadas à elite luso-brasileira e alemã da cidade e despertou grande entusiasmo. Assim, em 7 de setembro de 1903, no Campo da Redenção, se estima que havia cerca de 1.500 pessoas na expectativa para conhecer aquela novidade esportiva jamais vista e sequer imaginada. Considerando que a população total da cidade girava em torno de 73 mil habitantes, se pode perceber o interesse que o assunto despertou.

O principal resultado deste *match* foi a fundação de vários times de futebol. Surgiram os clubes da elite (Grêmio e Fussball, ainda em 1903), mas também diversos clubes da população pobre da cidade, dentre os quais havia diversos times entre a população negra. Esses segmentos pobres da população demonstraram igual entusiasmo pela novidade esportiva que a elite e, do mesmo modo, fundaram clubes estruturados formalmente. Assim, não demorou muito para os primeiros clubes negros se formarem, em 1907: o 20 de Setembro e o Sport Club Rio-Grandense.

Santos relata que, em 1910, surgiu a Liga de Football Porto-Alegrense, da qual participaram os sete maiores clubes da cidade, possibilitando a organização de torneios. No ano seguinte, o Sport Club Rio-Grandense se candidatou, em vão, para ingressar na Liga. Novos critérios relativos às instalações dos clubes e valores para inscrição e mensalidades foram criados, excluindo os clubes populares, tanto os de maioria negra como os de operários de origem imigrante. Se não era possível proibir o jogo aos negros, ao menos era possível mantê-los excluídos dos principais acontecimentos e do campeonato oficial.

No início dos anos 1920 surgiram, então, três entidades que reuniram os clubes de futebol do meio popular: a Liga Nacional de Football Porto-Alegrense, a Associação Esportiva de Football e a Associação de Amadores de Football. Elas existiram no mesmo período e jogaram entre si nos mesmos campos da cidade, especialmente no Campo da Redenção, atual Parque Farroupilha. Neste local, existiram diversos campos para a prática de futebol.

Ao mapear esses clubes populares, Santos dá visibilidade a uma ampla rede de sociabilidades da população negra, apontando para significados bem mais amplos que o futebol adquiriu desde seu início. Em uma sociedade que mantinha a população negra egressa da escravidão à margem, sem educação e sem oportunidades de ascensão social, o futebol adquiria significados bem mais vastos do que uma prática meramente lúdica.

Os gramados eram locais que permitiam a visibilidade da população negra, onde desfilavam seus esforços organizativos voltados ao respeito e à integração social. Eram lugares de representação pública

em que se demonstravam organizados, bem vestidos, educados e cumpridores das regras e dos deveres sociais [...]. Os clubes possuíam diretorias hierarquizadas, eleitas em assembleias de jogadores e torcedores, mantidos por um corpo de associados (homens e mulheres) que pagavam mensalidades ... realizavam festas, bailes, sorteios e quermesses...

Os clubes funcionavam como canais de educação e de representação de seus interesses, na luta contra o racismo e a segregação social vigentes naquela sociedade das primeiras décadas do século passado (SANTOS, 2018, p.168-169).

Estes clubes não atuavam isolados. Santos mostra como os combativos jornalistas negros do jornal *O Exemplo* (1892-1930) mantinham fortes relações com os clubes de futebol e suas lideranças, o que reforça o caráter de afirmação social dos clubes negros, para além de sua função recreativa.

Ilustração 01. Oito de Setembro, time de futebol da Colônia Africana, participante da Liga, data imprecisa.



Fonte: Santos, 2018, p.171. Acervo da família de Jayme Moreira da Silva.

Assim, em um contexto no qual os meios políticos e a imprensa hegemônica debatiam abertamente sobre a necessidade e as vantagens de se buscar um branqueamento da sociedade brasileira e em que a população imigrante europeia passara a ter ampla preferência ao se inserir no mercado de trabalho, o futebol foi uma importante forma de afirmação e sociabilidade da população negra da cidade. Ceconello (2017) afirma que a Liga Nacional de Football Porto-Alegrense foi a maior liga de clubes de futebol compostos por jogadores negros a se organizar no país.

A maioria das sedes dos clubes de futebol desta população se situava no que historicamente é identificado como “territórios negros” de Porto Alegre. Aí se incluem a Colônia Africana (atuais bairros Rio Branco e Mont’Serrat), o Arraial

da Baronesa e partes da Cidade Baixa, onde estava situada a favela da Ilhota (VIEIRA, 2017). Esta localidade, durante sua existência, foi de grande importância para a dimensão étnica do futebol e a cultura popular da cidade. A Ilhota foi local de nascimento de vários importantes jogadores de futebol, sendo Tesourinha o que obteve maior destaque.¹

Os clubes de futebol compostos por jogadores negros realizaram campeonatos de forma organizada e periódica por mais de 20 anos, possivelmente até 1933, quando em Porto Alegre inicia a profissionalização dos principais times de futebol (SANTOS, 2018).

A partir de final da década de 1960 uma parte significativa das populações destas áreas nas quais se desenvolveu esta experiência dos times negros foi transferida para a Restinga, nos arrabaldes da cidade.

Ali, entre início da década de 1980 e final dos anos 1990, os times de futebol foram muito significativos para a vida local. Numa iniciativa de reparação da memória foi criada a Liga de Futebol da Restinga e se organizaram campeonatos que chegaram a contar com a participação de 24 times, divididos em série A e B. Esta quantidade inusitada de times, para um bairro, dá a dimensão da importância do futebol como fenômeno de associação na Restinga.

É importante sublinhar que não se trata de times ocasionais, completamente informais e que em algumas ocasiões disputam algumas partidas sem muita responsabilidade, as famosas “peladas”. Estes times da Restinga tinham diretoria, treinador e elenco fixo de jogadores registrados na própria Liga de Futebol da Restinga.

Os campeonatos tinham turno e retorno, vindo a ocupar os times praticamente durante 12 meses ao ano. Eram organizados com arbitragem, súmulas, tribunal esportivo que, em caso de violência contra o juiz ou promoção de distúrbio público nas partidas (segundo entrevistados algo raro, mas não inexistente), poderia suspender algum jogador por toda uma temporada ou decretar o rebaixamento do time, caso jogasse a série A. Os jogos tinham um calendário e os horários eram cumpridos, sendo que o time que se atrasasse para alguma partida era declarado perdedor do confronto. A ambas equipes, além da arbitragem, somente era permitido atuar com o fardamento completo. As regras do jogo em si, obviamente, eram as mesmas de qualquer partida de futebol profissional. Assim, quantidade de jogadores, número de substituições, tempo de duração das partidas, intervalos e outros elementos do jogo seguiam o padrão de qualquer campeonato oficial. Conforme um entrevistado, ativo dirigente de um dos principais times da Restinga,

A Liga de Futebol da Restinga era coisa muito bem organizada. Ela funcionava, precisava assim num campeonato...Têm que ter regras, tem que ter coisa tudo certinha, por que senão dá confusão.

¹ Osmar Fortes Barcellos, o Tesourinha (1921-1979), foi um dos mais importantes jogadores de futebol do RS. Nascido na Ilhota, foi no Ferroviário, time deste território negro, que fez sua estreia como amador. Jogou no Inter, Vasco da Gama (RJ) e Grêmio e na Seleção Brasileira. O Ginásio Municipal de Porto Alegre, construído em cima do que foi a Ilhota, leva seu nome (BAIBICH, 2007).

A importância do futebol na Restinga é explicada em depoimento de uma liderança comunitária, que via nesta iniciativa um forte fator de distinção do bairro e uma rica experiência de sociabilidade.

... cada canto da Restinga tinha um campo de futebol e cada campo de futebol tinha dois ou três times. Havia um campeonato de futebol interno da Restinga. E esses dois ou três times, os caras tinham, digamos assim, uma vida clubística muito forte. Eles tinham torcida; por incrível que pareça eles vendiam camiseta pra torcida deles. Tá, tudo bem, era meia dúzia de camisetas, cinquenta camisetas que um maluco fazia em serigrafia nos fundos da casa dele. Mas comparado com um clube aí, de outro bairro, eles faziam. Isso ajudava a criar espírito de corpo numa determinada região.

Este forte sentido de organização e intensa mobilização torna plausível afirmar que a memória da experiência dos clubes de futebol dos territórios negros, acima mencionados, foi um importante fator de inspiração da prática esportiva do futebol na Restinga.

Os times da Restinga se espalhavam por toda geografia do bairro e sua composição de origem era bastante variada.

O nosso time, o Restinga, era dos Catarina também. Mas aí veio um velho lá da Vila Jardim morar aqui e ele era envolvido com futebol lá em cima no Bom Sucesso, na Vila Jardim... e aí, o velho pegou. Os Catarina tavam deixando de mão, eles tinham um esquema de carteadado e o velho tomou conta do carteadado dos Catarina e já tomou conta do time, do nome. E sustentava o Restinga só no carteadado e no jogo de bicho. Ele era funcionário do velho Ernesto, o maior bicheiro que tinha na zona sul. E o velho Ernesto sustentava nós. Volta e meia ele chegava com um fardo, assim, de camisa, fardamento novo, até com chuteira nova vinha. E tinha o Expresso Branco que também era dos Catarina. O Expresso Branco, o Palmeirinhas, o Restinga, depois veio o Monte Castelo, primeiro o ABC, depois o Monte Castelo, depois tinha o time do Curral e tinha mais uns times do Pinheiro que eles disputavam campeonato aqui na vila. Tinha campeonato naquela época. Tinha campeonato bacana e tudo.

O depoimento acima mostra a complexidade dos times de futebol na Restinga. Havia times com uma identidade étnica de homens brancos (os “catarina”), possivelmente uma alusão a moradores que vieram da zona norte de Porto Alegre e, antes, imigraram do sul de Santa Catarina. Assim, o Restinga, o Expresso Branco e o Palmeirinha eram times associados aos “catarinas”, enquanto outros, como se verá abaixo, tinham uma nítida identificação étnica negra.

A entrevista também menciona o financiamento dos times. O fato de serem todos amadores não significa que não tivessem custos. O mais visível são os custos com uniforme e eventuais deslocamentos para fora do bairro. Mas há, também o cuidado com os campos de futebol, em parte mantidos pela Prefeitura, mas com investimento de um ou mais times em cada campo.

Também havia algum pagamento aos futebolistas de melhor qualidade, os “craques” do time. Contudo, este pagamento era somente em algumas situações, em geral para jogos pelo campeonato de várzea da cidade, quando os melhores times da Restinga, reforçados por jogadores de outras equipes, disputavam com times de outros bairros. Os pagamentos eram por partida e

dependiam de diversos fatores, bastante arbitrários; tampouco havia uma padronização para todos os times. E, como se vê na entrevista, aparece a figura do bicheiro, financiador dos times (que em geral, “por fora”, pagava algum “bixo” para alguns jogadores) e gestor de negócios (jogo do bicho, carteadado, bares) que conviviam com o time de futebol. Nestes aspectos relacionados ao financiamento dos times havia grande informalidade, um caráter aleatório e uma aceitação geral de apoios, mesmo vindo de fontes não formais.

Porém, estas questões de financiamento e organização dos times da Restinga não eram usuais para todas equipes. Havia muita disparidade entre série A e série B, inclusive pelo fato dos times terem propósitos diferentes.

Acho que foi dos primeiros lugares que teve isso de sobe pra primeira, desce pra segunda. Foi aqui na Restinga. Era quantidade de time e, então pra se ter um bom campeonato, mais ou menos qualificado assim... mais ou menos parelho... Tinha umas categorias, uns times que eram muito bons e se destacavam muito. E tinha outros que o pessoal fazia mais pra se divertir. Eram times menores, mas gostavam de participar do campeonato.

Ilustração 02. Restinga, time de futebol Associação Esportiva Monte Castelo.



Fonte: arquivo Farias, década de 1980.

A relação dos times com os territórios também é significativa. Além dos “catarinás”, de território difuso, alguns times eram identificados pelo local de origem das pessoas: “e tinha esses times... vários times. Cada um tinha a sua... tinha um outro time que era dos caras que eram da Teodora”. Também aparece a combinação local de origem e local de destino, sendo possível fazer o registro de deslocamento territorial a partir de times de futebol.

... lá na Restinga Velha tinha dois times muito fortes, de Porto Alegre, inclusive... era o Águia de Ouro e o Abolição. Eram dois timaços dessa região. O Abolição era constituído pelo que veio da Ilhota, isso eu posso te dizer. Os outros núcleos eu já não sei muito onde estavam. Parece que foi muito a base da Escola de Samba

O futebol na Restinga operava conexões que iam além das fronteiras do bairro. Em dois sentidos: no primeiro era o de participação de times da Restinga em campeonatos da cidade, tais como o metropolitano de futebol de várzea, o porto-alegrense de futebol de salão e até o campeonato de futebol de praia, disputado na orla gaúcha todo verão, tendo em algumas ocasiões a Restinga “emprestado” um time para uma das praias. O outro sentido era o inverso: jogadores de outros bairros de Porto Alegre e até mesmo da Região Metropolitana, atraídos pelo bom campeonato da Restinga, se inscreviam em times locais para poderem participar.

E era uma coisa disputada, muito disputada. Era um campeonato muito aguerrido. Vinha muita gente dos outros bairros jogar aqui na Restinga. Muita gente que gostava vinha jogar aqui. Que aqui é o foco da várzea. Jogador tinha lá nos outros bairros, mas tinha muito jogador que vinha jogar aqui. Muito jogador bom. Às vezes ex-profissionais, que vinham. O jogador parava de jogar e as vezes vinha aqui jogar.

Estes deslocamentos que iam além do bairro são muito importantes, pois serviam de lugar de construção do orgulho da comunidade. E isso ficava expresso no interesse que a população tinha em relação ao seu campeonato. O programa esportivo da rádio comunitária tinha muito mais audiência quando focava nas questões futebolísticas do próprio bairro.

Então eu me lembro que quando a rádio estava funcionando mais ou menos organizadamente, nós tínhamos toda segunda-feira de noite um programa de esportes. O pessoal da Liga de Futebol sentava lá e começava a comentar os jogos etc e tal. E aí teve um louco que entrou no meio da galera pra comentar o campeonato brasileiro, o campeonato gaúcho. Choveu telefone, “tira esse cara do ar! Isso aí é besteira, nós queremos saber é do nosso futebol aqui, dos nossos times”. Era um troço meio maluco, tinha uma identificação com coisas do bairro.

Esta “identificação com coisas do bairro” apresenta um caráter ambíguo. Ao mesmo tempo em que os jogos tinham enorme potencial integrador, quer seja pelo deslocamento constante de centenas de pessoas pelas diferentes partes do bairro ou pelos encontros que estes jogos promoviam, além da repercussão na rádio, as conversas nos bares e a interface com as escolas de samba, também, justamente por estes encontros e pelo caráter de disputa que se cria entre times, igualmente estavam sujeitos a potencializar conflitos.

Sabe como é que é torcida.... torcida fica lá... Torce pra cá, torce pra lá... As vezes o pessoal já não se dava muito... E tomam mais umas coisinhas, aí ficam bem alegres (risos) e aí dá uns problemas, xingam os juízes... Vô fazê isso, vô fazê aquilo. Não fazem nada! Vou dar uns tiros. Quem é que dá um tiro? (risos). Nunca vi um revólver. Civil se pegava, vai dar um tiro nele mesmo (risos). Por que quem conhece uma arma não fica dizendo que vai dar um tiro.

A junção, num processo simbólico de disputas, dos diferentes que já “não se dão”, tem potencial para provocar “retalhamentos”. Porém, os times de futebol não são somente futebol. Gabriela Fröhlich (2006) ao analisar o esporte, de forma geral, na Restinga, conclui que é “...elemento capaz de auxiliar no desenvolvimento da percepção de cidadania” (FRÖHLICH, 2006, p. 160). Em seu trabalho, para além das atividades desportivas em si, avalia que o esporte é um importante espaço de educação não-formal, possibilita uma vivência coletiva

prazerosa e é fator de inclusão social. Assim, também há um processo virtuoso nas práticas esportivas.

Alguns times de futebol da Restinga também buscam contribuir com o que se poderia denominar inclusão social. Assim, mais uma vez, há variedade de situações. O mais comum são iniciativas pontuais de assistência social em datas festivas, mas há também trabalhos mais consistentes de educação não-formal, que funcionam durante o ano todo e buscam trabalhar processos de educação em crianças e adolescentes do bairro. Em alguns casos há equipes de veteranos, com objetivos lúdicos.

Ilustração 27. Crianças de projeto social, Associação Esportiva Monte Castelo.



Fonte: arquivo Farias, década de 1990.

No entanto, a partir de meados da década de 2000 o futebol na Restinga começa a entrar em declínio. Já não era mais possível sustentar um campeonato interno nos moldes em que ele vinha ocorrendo. Há diversos fatores que explicam esta mudança. Menciona-se a substituição do futebol de campo pelo futebol sete ou o chamado futebol *society*, que necessita de menos jogadores, sendo as partidas jogadas em canchas cobertas e ocupando menos espaço.

Aí o que aconteceu com os campeonatos na Restinga? Em 2005 mais ou menos começou a arriar e depois terminou mesmo. Até 2010 teve ainda (...). E depois se criou o campeonato de futebol-sete, que é o que ainda mantém o futebol na Restinga.

Os campeonatos de futebol, agora, dentro da vila, ficaram só em termos de futebol sete, tem vários lugares que fazem na vila. Os campos grandes até ficaram atirados. O lá de baixo está sendo mantido por que o pessoal faz atividade física ali, correm e tal. E temos um

campo para trazer futebol porque bem na frente tem o Bar Esperança. Ali se reúnem os velhos cachaceiros, tudo para assistir futebol.

Os espaços para a prática de futebol de campo se restringem e já não há mais campos suficientes para comportar a atividade de todos os times que, aos poucos, vão se desarticulando. A Restinga atualmente tem somente dois campos de futebol em funcionamento regular. No auge do futebol de campo no bairro foram ao menos oito ou nove campos.

Outro fator importante para o lento declínio do futebol no bairro é que, com a dissolução da Liga de Futebol da Restinga, muitos dos antigos dirigentes que ajudaram a organizar a estrutura e a gerenciaram por décadas “se aposentaram”. Há um capital intelectual, que poderia se materializar em termos de articulação da memória esportiva e futebolística do bairro, que vai se perdendo.

A maioria dos times de futebol virou uma melancólica lembrança do passado. Em caixas de sapato ou pastas cuidadosamente protegidas por plásticos, há fotografias de times antigos e recortes de jornal. Algum bar ou casa de antigo dirigente guarda troféus e fotos emolduradas em paredes. São o que Nora (1993) chamou de memória arquivo, uma forma inativa de preservação da memória.

Paradoxalmente, alguns dos times de futebol da Restinga que lograram se manter em atividade entraram na era do futebol global, substituindo seus êxitos na sociabilidade e formatação de identidades no bairro por atividades mercantis relacionadas à formação de jogadores profissionais. Ancorados no êxito profissional do jogador Paulo César Nascimento, mais conhecido como Tinga,² nascido e criado no bairro, muitos adolescentes e jovens tentam seguir seus passos e vencerem no difícil mundo do futebol profissional. É o caminho percorrido com êxito pelo jogador Raphinha, nova sensação da Seleção Brasileira. Não se trata de um caso isolado, pois há outros em clubes brasileiros da série A ou jogando em equipes de menor expressão, esperando uma oportunidade que ainda poderá vir ou não.

O futebol, durante tanto tempo foco de sociabilidade, de integração ou conflito no bairro, agora se constrói pela dinâmica do mercado. Há olheiros substituindo os antigos treinadores-educadores.

CONCLUSÕES

No início do século XX o futebol jogado pelos times negros cumpriu um importante papel de afirmação étnica-social na cidade. No fim do século, este jogo cumpriu significativo rol de socialização da população da Restinga e articulação de identidades. Esta experiência foi fortemente estabelecida pela organização de memórias em torno do futebol e das práticas de discriminação social e racial de ambas populações.

No primeiro contexto, a população urbana negra de Porto Alegre, recém saída da centenária experiência da escravidão, buscava superar as novas

² Tinga logrou uma longa e exitosa carreira, tendo jogado em grandes clubes brasileiros como Internacional, Grêmio, Cruzeiro e Sporting (Portugal) e Borussia Dortmund (Alemanha), além da Seleção Brasileira. Atualmente se dedica a projetos sociais na própria Restinga e em Porto Alegre.

formas de discriminação afirmando sua riqueza cultural e identidade étnica nos chamados territórios negros da cidade (VIEIRA, 2017).

No contexto mais recente, parcela significativa dos seus descendentes é expulsa do território que ocupavam e tentam reconstruir suas vidas e formas coletivas de organização a partir da construção de identidades no novo bairro, desenvolvendo um sentimento de pertença e orgulho neste novo território.

Em ambos momentos o futebol, aliado a outras iniciativas, teve grande importância na afirmação destas populações segregadas. Superar os estigmas foi um processo longo, difícil e sempre sujeito a não estar concluído, mas ocorreu. A articulação de lugares de memória, a exploração da reaparição através da ressignificação da prática organizativa em torno de ligas de futebol, a construção de narrativas que destacam os quadros sociais de memória em torno do futebol nos demonstram o quanto esse fenômeno cultural pode servir de apoio para a inclusão social cidadã em territórios urbanos.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Neila Prestes de. *Vilas de malocas e Bairro Restinga: a versão dos removidos sobre o plano de confinamento em vila de transição – Eugenia na Porto Alegre de 1967-1970*. Porto Alegre, XIV Encontro Estadual de História – ANPUH/RS, 2018.

BAIBICH, André. *Tesourinha, o Garrincha colorado*. Porto Alegre, Revista do Inter, março de 2007, p. 07.

BORGES, Jorge Luis. Funes, el memorioso. In. *Obras Completas*, volume I. Buenos Aires, Emecé, 2010, p.583-590.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade. Lembranças de velhos*. São Paulo, EDUSP, 1987.

CECONELLO, Douglas. *A liga dos canelas pretas: o histórico campeonato dos clubes negros de Porto Alegre*. In. Blog Meia Encarnada, 14/06/2017.

FRANCO JR., Hilário. *Dando tratos à bola: ensaios sobre futebol*. São Paulo, Companhia das Letras, 2017.

FRÖHLICH, Gabriela. *Esporte e Cidadania. Bairro Restinga, em Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica (PUCRS), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2006.

GOELLNER, Silvana Vilodre. *Women and football in Brazil: discontinuities, resistance and resilience*. Revista Movimento [online], v. 27, 2021.

HACQUARD, Georges. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Lisboa, Edições ASA, 1996.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, Centauro, 2003.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves e LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro, Mauad, 2001.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumento, mídia*. Rio de Janeiro, Aeroplano/Universidade Cândido Mendes/Museu de Arte Moderna, 2000.

ISHIGURO, Kazuo. *O gigante enterrado*. São Paulo, Companhia das Letras, 2015.

IZQUIERDO, Iván. *A arte de esquecer: cérebro, memória e esquecimento*. Rio de Janeiro, Vieira & Lent, 2004.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas - São Paulo, Editora da UNICAMP, 1990.

MENDONÇA, Carlos Magno Camargos e MENDONÇA, Felipe Viero Kolinski Machado. “Ô bicharada, toma cuidado: o Bolsonaro vai matar viado!” Cantos homofóbicos de torcidas de futebol como dispositivos discursivos das masculinidades. *Galáxia* (São Paulo) [online]. 2021, n. 46.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. São Paulo, Revista Projeto História, (10), dez. 1993, p. 07-28.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, Rev. Estudos Históricos, vol. 5, nº 10, 1992, p. 200-212.

RIBEIRO, Luiz Carlos e SOUZA, Jhonatan Uewerton. *O futebol na proposta autoritária e corporativista da Era Vargas (1930-1945)*. Revista Topoi [online], v. 22, n. 46, 2021, p.160-181.

RUIZ RODRÍGUEZ, Marcos. *Las caras de la memoria*. Madrid, Pearson Educación, 2004.

SANTOS, José Antonio dos. *Liga da canela preta. A história do negro no futebol*. Porto Alegre, Diadorim, 2018.

TODOROV, Tzvetan. *Los abusos de la memoria*. Barcelona, Paidós, 2000.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Antijogo: considerações em torno de uma categoria da diferença*. Horizontes Antropológicos [online], 2020, v. 26, n. 56, p.255-291.

VIEIRA, Daniele Machado. *Territórios negros em Porto Alegre/RS (1800-1970): Geografia-Histórica da presença negra no espaço urbano*. Porto Alegre, UFRGS, Faculdade de Geografia. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2017.